

JN

2/10/1944

O Fim do Liberalismo

Acabo de ler um livro recentíssimo «*En mission proletarienne*», escrito por um Padre que se fez operário e trabalha como carregador nas docas de Marselha. Muitas das páginas deste livro, a todos os títulos impressionante, deixam-nos perturbados pelas revelações que nos faz dum mundo desconhecido da maioria dos que pretendem resolver a questão social com subsídios, sopas de beneficência, asilos de crianças e de velhos, caixas de previdência, abonos de família, e até aumentos de salário. A questão social não está aqui, quer dizer, não é uma questão de dinheiro, mas uma questão de sentimento e de espírito. A própria tese da «preocupação social» assenta na ignorância profunda desse mundo desconhecido que se chama «o proletariado» — mundo cheio de mocidade e de força, que se constrói por si mesmo, tateando ainda os seus passos, mas camuhandos seguros de si mesmo para um futuro que sabe pertencer-lhe.

O liberalismo isolou os homens uns dos outros. Isolou-os primeiro no trabalho. Isolou-os depois na vida social e política. Isolou-os por fim no seio da própria família. No trabalho, suprimiu o espírito de comunidade para o substituir pelo de interesse individual, fazendo com que nascessem e crescessem as classes para as lançar umas contra as outras. Na vida social e política, a antiga organização fraternal, sucedeu a luta dos partidos e o desinteresse das camadas sociais umas pelas outras. Na família, ao espírito de solidariedade que foi a sua força, sucedeu o da independência mútua de filhos e de pais, de marido e de mulher.

O espírito do liberalismo deu as suas provas. O mundo não o deseja. E assim, das camadas mais profundas da sociedade, levanta-se um clamor de cruzada que parece galvanizar as diferentes forças sociais para as orientar no sentido duma nova estrutura assente na base de uma vida fraternal, aspiração afinal do mais genuíno espírito cristão.

A época liberal, sucederá a época comunitária.

Vem isto a propósito do livro do P. Loew, e da seguinte frase duma das suas páginas: «Cada época da História exprime-se pelos seus monumentos. A nossa não produziu senão bairros de lata».

Apesar do exagero da frase, o padre-operário tem incontestável razão. A nossa época tem levantado monumentos e edifícios grandiosos que bem demonstram o orgulho e a vaidade duma civilização endinheirada. Mas a seu lado, nada mais tem sabido construir do que barracas de lata, ou bairros simétricos sem alma e sem vida, expressão fiel do conceito que se faz do homem e da vida. Os bairros de lata ficarão na História a atestar o valor da nossa civilização individualista, desorganizadora da humanidade, escravizadora do homem.

O padre-carregador das docas de Marselha acrescenta às suas observações: «Entre as mais representativas construções, certas prisões celulares modernas parecem ter esgotado o melhor do génio dos nossos engenheiros e architectos», símbolo perfeito da nossa civilização atómica: ...centenas de homens e de mulheres, reunidos sem nenhum contacto!...»

«Este isolamento, acrescenta no mesmo notável simbolismo, devem os cristãos esforçar-se por derrubá-lo. Sob pretexto de que outros prosseguem o mesmo objectivo, seria loucura e traição da nossa parte renunciar a esta tarefa, porque no dia em que, sob o impulso de todos os humilhados estas divisões saltarem em estilhas, quem, senão os cristãos, será capaz de fazer desta massa de homens reunidos uma assembleia fraterna, possuidora da mesma fé, da mesma esperança e do mesmo baptismo?»

Também nos parece loucura tentar em manter uma vida social que não corresponde ao grande anseio da humanidade pela união fraterna de

todos os homens quer no trabalho, quer na vida política, quer na família. A tranquilidade social não estará garantida em parte nenhuma do mundo, senão na medida em que se fizer a marcha colectiva de todas as esferas sociais para o mundo novo de organização comunitária. Ou vamos juntos, braço no braço, num rasgado espírito de compreensão construir a nova estrutura social, ou irá apenas uma classe fazer a sua obra, que já não será de comunidade, mas de comunismo.

Não se trata evidentemente da célebre mão estendida do cristianismo ao comunismo, porque ao espírito comunista é impossível estender a mão. Trata-se apenas de uma colaboração entre as classes ou entre as diferentes esferas sociais para que a obra a fazer se faça em comum, cada qual na sua esfera.

Parece ser este o único meio de garantir a paz entre os homens. Se as paredes que nos isolam uns dos outros não-de ser destruídas, não será preferível acordarmo-nos todos em as deltar abaixo com sossego, ordem e tempo, a vê-las saltar em estilhas, que obstruirão os caminhos?

Ao menos sempre poderíamos, para a edificação da Cidade Nova, aproveitar os materiais antigos.

ABEL VARZIM